

**UMA PROPOSTA DE PRÁTICA DE ENSINO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

**ONE PRACTICAL EXPERIENCE IN TEACHING IN THE TUITION OF PHYSICAL
EDUCATION TEACHERS**

* Carlos Luiz CARDOSO

RESUMO: O PRESENTE TRABALHO PROPÕE UMA NOVA CONCEPÇÃO DE "ESTÁGIO ACOMPANHADO" NA DISCIPLINA PRÁTICA DE ENSINO, NOS CURSOS DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA. A PARTIR DE UM GRUPO DE DEZ (10) ESTUDANTES, REGULARMENTE MATRICULADOS NESSA DISCIPLINA DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFSM, É QUE SE FORMULOU UM PROGRAMA DE AÇÃO PARA INTERVIR NO ESTÁGIO. ESSA PESQUISA-AÇÃO TEVE A TAREFA DE DESCONSTRUIR, ATRAVÉS DE UM PROCESSO ANALÍTICO, A REDE DE SIGNIFICAÇÕES E AS CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS DA PRÁTICA ESCOLAR COTIDIANA. À MEDIDA QUE DESCONSTRUÍA, PARA CONHECER E TRANSFORMAR, FORMULAVA, MEDIDAS PARA UMA AÇÃO QUE ESTRUTUROU O ESTÁGIO COM AS SEGUINTE ATIVIDADES: 1) FUNÇÃO DAS ANÁLISES DE AULAS; 2) FUNÇÃO DO PLANEJAMENTO; E 3) FUNÇÃO DA REALIZAÇÃO DAS AULAS COMO AVALIAÇÃO. COM ESSE INTERRELACIONAMENTO ENTRE AS ATIVIDADES CURRICULARES, PROCUROU-SE PROBLEMATIZAR AS ETAPAS DO ESTÁGIO, FUNDAMENTADA NUMA VISÃO SOCIAL CRÍTICA, NÃO SÓ CONHECENDO A PRÁTICA DOCENTE, MAS TAMBÉM OS PROBLEMAS ATUAIS DO PROCESSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO, NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

ABSTRACT: THIS ACTUAL WORK HAS IN VIEW A NEW CONCEPT IN THE "SUPERVISED PERIOD OF TRAINING" IN THE SUBJECT OF EXPERIENCE IN TEACHING, IN THE COURSES OF LICENTIATESHIP OF PHYSICAL EDUCATION. FROM A GROUP OF TEN (10) STUDENTS, REGISTERED IN THIS SUBJECT OF THE PHYSICAL EDUCATION COURSE OF UFSM-SANTA MARIA, RS., IT WAS DRAWN UP A PROGRAM IN ORDER TO ACT IN THE PERIOD OF TRAINING. THIS

*Prof. do Dep. de Educação Física do Centro de Educação, da Fundação Universidade Regional de Blumenau/SC

Resumo da dissertação de Mestrado em Educação Física Orientada pelo Prof. Dr. Silvino Santin, UFSM, 1988.

RESEARCH-ACTION HAD THE TASK TO DISASSEMBLE, THROUGH AN ANALYTICAL PROCEDURE, THE WHOLE MEANING AND THE SOCIAL CONSEQUENCES OF QUOTIDIAN EXPERIENCE IN TEACHING. BY THE TIME WE DISASSEMBLED, IN ORDER TO KNOW AND CHANGE, THE RIGHT MOVE WAS CONCEIVED FOR AN ACTION THAT REBUILT THE PERIOD OF TRAINING WITH THE FOLLOWING ACTIVITIES: 1) FUNCTION OF THE ANALYSIS OF THE CLASSES; 2) FUNCTION OF PLANING; AND 3) FUNCTION OF TEACHING AS EVALUATION. WITH THIS INTERCHANGE AMONG THE COURSE ACTIVITIES, WE TRIED TO FOCUS THE PROBLEMS OF THE SEVERAL STEPS OF THE PERIOD OF TRAINING, WELL FOUNDED IN A COMMENT UPON A SOCIAL POINT OF VIEW, NOT ONLY TAKING ACCOUNT OF THE TEACHING PRACTICE, BUT ALSO THE ACTUAL PROBLEMS THE DIDATIC-PEDAGOGICAL PROCEDURE, IN THE TUITION OF THE PHYSICAL EDUCATION TEACHERS.

1. INTRODUÇÃO

A sociedade tem exigido cada vez mais o apoio das Instituições de Ensino Superior para a solução de seus problemas, principalmente na área educacional. Isso tem acontecido pelo fato de existir um isolamento da universidade em relação à comunidade. Elas perdem, a cada dia, as características de fontes do conhecimento, que podem originar mudanças sociais que a comunidade está a exigir. Além de uma estruturação interna dividida em centros, cursos, departamentos, currículos, disciplinas, aulas, pesquisas, preparação profissional e extensão universitária, estas não correspondem a uma expectativa de mudança.

A falta dessas expectativas tem origem no exagerado cientificismo acadêmico neutro, que faz com que a universidade se distancie e perca a relação com a vida diária das comunidades e seus problemas. Mas se a tarefa dessa instituição é ajudar e apoiar a comunidade na resolução desses problemas, então ela deve procurar se aproximar dessa realidade e resolver os problemas sociais através de um compromisso político transformador.

Para isso é necessário conhecer a vida dessas comunidades e seus problemas. Então essa proposta de Prática de Ensino está fundamentada na vida de movimento das crianças; na construção da biografia esportiva dos estudantes de educação; na concepção de história; na realidade das aulas de educação física e na contradição das comunidades escolares. Não haveria necessidade de problematização para isso, se não percebessemos que: 1) as aulas de educação física escolar são configuradas pelo esporte competitivo de alto ní-

vel e assim 2) fazendo das crianças objetos e não sujeitos da ação e também que 3) o professor de educação física dá continuidade a esse processo de ensino-aprendizagem sem refletir sobre suas consequências sociais.

Uma ajuda para a mudança dessa realidade pode estar na etapa de preparação do professor de educação física, denominada estágio supervisionado da Prática de Ensino. Ela permite o contato direto dos estudantes com as comunidades e seus problemas, suas contradições e suas necessidades emergenciais. As atividades do estágio envolvem o agir pedagógico, onde a prática docente a) aplica conhecimentos; b) forma atitudes críticas; e c) desenvolve habilidades necessárias para essa prática.

A cada dia a educação física tem se tornado uma disciplina mais técnica, exigindo com isso, performances físicas e utilizando como objetivos, as concepções do esporte competitivo de alto nível. As regras do esporte institucionalizado, dentro das aulas de educação física, adapta os alunos e professores ao sistema de ambição pelo rendimento esportivo, afastando as oportunidades para uma reflexão crítica das ações da aula. As diversas formas de movimento, que permitem um diálogo do homem com mundo, não tem sido exploradas para a comunicação entre os participantes da aula.

A concepção de aulas abertas na educação física, que é utilizada nessa proposta de estágio, permite a possibilidade de codeterminar a nível de planejamento, objetivos, conteúdos e formas de transmissão e comunicação no processo ensino-aprendizagem. Os participantes da aula possuem imagens e concepções, que têm origem nas experiências e vivências do cotidiano. É importante saber da dimensão de sentido que os alunos dão às coisas quando se quer entender um problema e resolvê-lo. Mas o que tem acontecido nas aulas de educação física escolar é um excesso de tecnicismo na aplicação dos conteúdos, o qual não permite vir a tona o conjunto de significados que os alunos têm sobre as ações e os temas da aula.

A nova concepção de estrutura de estágio tem uma relação com o enfoque pedagógico social crítico. Preocupa-se com um desenvolvimento crítico e progressivo nas etapas de trabalho. Essa formação de "aprender a lecionar" tem um compromisso com as consequências sociais das aulas de educação física escolar. Mas para mudar as concepções das aulas escolares é preciso mudar também a concepção de estágio. Assim, nosso trabalho tem o objetivo de desenvolver uma estrutura de estágio curricular da Prática de Ensino, com os seguintes passos didático-pedagógicos: a) análise das aulas de

educação física; b) planejamento pedagógico das aulas; c) realização das aulas em escolas da comunidade; e d) avaliação das ações das aulas e do estágio.

2. BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Dentro da disciplina científica chamada ciências sociais há várias compreensões sobre o que é ciência. Dentre as várias teorias que serão utilizadas nesse trabalho, é na Teoria Social Crítica da Escola de Frankfurt que se busca a compreensão de ciência. Para HABERMAS (1987), a tarefa da ciência não é de um privilégio de pessoas que sabem sobre pessoas que não sabem. Assim, a ciência depende do interesse e quando o nosso é receber informações e conhecer os acontecimentos sociais da vida e do mundo, então nossa tarefa é ir até o mundo vivido, a vida social. Isso significa que é preciso ir para a vida e lá receber as informações e os conhecimentos, e não trazer a vida social para um laboratório a analisá-la.

É sobre a intervenção na vida social que se distingue em dois pontos. No primeiro a intervenção vem para a vida social, mas deve acontecer uma superação, uma ultrapassagem, que segundo HABERMAS(1982), é a ultrapassagem de todos os limites. Para fazer isso é necessário, em primeiro lugar, esclarecer e descobrir as regras que acontecem dentro da vida dos homens e como eles desenvolvem e regulam a vida - quais são as influências. São os homens que constroem, objetivamente, as situações sociais. Então é preciso descobrir e esclarecer as regras e perguntar-se sobre as consequências dessas influências para os acontecimentos sociais. Uma pesquisa com essa concepção, tem a tarefa de capacitar as pessoas para melhorar a vida, mudar as situações e transformar as normas e regras da vida. Habermas chama isso de emancipação, porque não se recebe só através de uma explicação, mas também através de uma conscientização, que se aproxima da teoria de FREIRE (1980).

O outro ponto é que dentro dessa intervenção, as ciências sociais possuem um método de pesquisa que vem para a vida social só para receber conhecimentos. A pesquisa dessa ciência é sobre a construção da realidade. Então é com BERGER & LUCKMANN (1985) que se vai trabalhar a Teoria da Social do Conhecimento. Mas essa teoria não tem o interesse de superar a situação, o status quo. Ela só se interessa por explicar e descobrir como a realidade é so-

cialmente construída. Aqui dividem-se, cientificamente, a Teoria Social Crítica da Escola de Frankfurt, especialmente a Teoria da Ação Comunicativa de Habermas, e a Teoria da Sociologia do Conhecimento, especialmente a construção social da realidade de Berger e Luckmann.

A sociologia do conhecimento se preocupa em descobrir o sentido da vida e a construção da realidade e seus sistemas. Já a teoria social crítica quer saber mais. Ela quer discutir e saber o sentido do sentido desta construção social da realidade.

O sentido do esporte pode ser analisado até aqui com a teoria da sociologia do conhecimento. Conhecer a construção do esporte como um sub-sistema de um sistema. Dessa forma pode se conhecer o sentido do esporte. Só que com a teoria social crítica busca-se saber o sentido do esporte. Para isso é necessário discutir sobre os valores e normas da sociedade e qual é o valor que as normas têm para as crianças.

O mundo vivido e construído socialmente, tem para HABERMAS (1983, p.167) "três pontos fundamentais para conhecer: a objetividade, a normatividade e a subjetividade". A objetividade é a construção das situações sociais, com sujeitos capazes de linguagem e ação. Externalizações intencionais, como ações instrumentais ou sociais e gestos expressivos com dimensões que fazem parte do mundo vital. A normatividade são estruturas e instituições com normas de ação, sistemas de valores, conteúdos culturais e imagens do mundo. Já a subjetividade é o sentido e a interpretação de situações na experiência vivida concretamente. Então qual é o sentido desse sentido, para os homens que vivem na sociedade atual e complexa?

Esta pergunta serve para que se questione o sentido da educação física. Então é com o primeiro ponto da intervenção, chamado de emancipação sobre esse sentido, que nos é permitido intervir no mundo do esporte e da educação física. Assim, um sentido é o lugar, o local da intervenção, que nessa pesquisa é o estágio da Prática de Ensino, e o outro sentido é o crítico, onde se busca transformar a concepção do estágio.

A linha de trabalho do grupo, composto inicialmente por dez (10) e terminado com (4) estudantes de educação física da Universidade Federal de Santa Maria, RS., por um período de três (3) semestres, é participar no mundo como ele é, mas também intervir nele para transformar. Isso significa que se vai participar do estágio como ele é, no entanto se intervém para transformá-lo. O mesmo

com a educação física escolar, onde participamos nela como ela é, mas intervindo para transformá-la.

Como este trabalho acontece numa instituição educativa, busca-se apoio em BARBIER (1985), que fundamenta a pesquisa-ação nessas instituições. Ele diz que "a pesquisa-ação institucional é uma prática concreta de análise sociológica destinada a grupos que desejam tornar-se sujeitos e não objetos da ação social" (p.42). Essa é uma atividade de compreensão e de explicação da práxis dos grupos sociais por eles mesmos, com a função de melhorar a sua própria práxis. Ela continua esclarecendo ainda que, esta pesquisa ação é um tipo particular de pesquisa-ação, cujo objeto refere-se ao campo institucional no qual gravita o grupo em questão. Trata-se de descontruir, através de um método analítico, a rede de significações das quais a instituição é portadora enquanto célula simbólica, levando o grupo a formular um programa de ação.

Para a prática concreta, o estágio será analisado sociologicamente pelo grupo de estagiários, tornando-os assim, sujeitos do processo de transformação da estrutura curricular. Para a formação de professores, isso significa que a estrutura do estágio, a construção da biografia esportiva, o esporte e as aulas de educação física escolar, serão descontruídas através de um processo analítico, com o interesse de conhecer a rede de significações sociais e suas consequências na prática escolar cotidiana.

Essa será a linha filosófica de trabalho do grupo, que com uma concepção de ciência, vem para a vida social para receber conhecimentos sobre ela, mas também descobrir o sentido do sentido. Agora, com a ajuda de outros paradigmas científicos das ciências sociais, explica-se as etapas do trabalho como uma proposta de ação de um grupo de estagiários.

3. PROPOSTA E ESTRUTURAÇÃO DO ESTÁGIO

3.1 Na função da análise de aulas de educação física escolar, leva-se exemplos de aulas encontrados na literatura e no cotidiano, para a universidade e ali estuda-se os procedimentos didáticos. Os exemplos também podem ser filmados, passando posteriormente por uma observação através de uma matriz analítica. Na base dessas observações a aula é conhecida. Desenvolve-se, a partir daí, propostas para o procedimento pedagógico adequado para os professores de

educação física. Este procedimento está dentro das características empírico-analíticas das ciências sociais. Nesta análise não se observa só os comportamentos e atitudes do professor quantitativamente, mas também se aprende como o professor deve agir diante de tais situações em aula.

Outro procedimento analítico é feito em relação às biografias dos estagiários. Eles vêm para a universidade com uma história de vida esportiva que determina e domina as suas ações e atitudes. Isso foi adquirido através das aulas escolares, ao longo dos anos de estudos. Então essa biografia esportiva influencia na visão sobre aulas de educação física escolar. Seus professores de educação física da escola, que vivenciando com eles as experiências esportivas por muitos anos, impregnou suas concepções nas vi- sões dos alunos sobre aula e esporte. Com essas preocupações come-ça-se a pesquisa participante.

Primeiro uma análise das biografias dos estudantes de edu- ção física, que é grupo de estagiários. Esta análise, realizada através de uma conversação em grupo e gravada em fita cassete, vai tentar tirar e afastar as percepções e concepções normatizadas e valorizadas, adquiridas ao longo da vida escolar. A segunda análi- se é distanciar ainda mais os estagiários destas normas e valores, para perceber as construções das regras das aulas de educação fí- sica.

Esse distanciamento tem duas etapas: uma é perceber objeti- vamente e a outra é perceber criticamente. Mas não só perceber criticamente, e sim mudar as aulas de educação física, seguindo outras normas e valores. Isso é importante saber, porque nem sem- pre as aulas de educação física seguiram as normas e valores.

Os distanciamentos podem ser 1) percebidos através de um de- poimento sobre o mesmo assunto. Uma aula pode ser interpretada de forma diferente pelas pessoas. Uma criança que não joga muito bem um esporte vê a aula diferente de uma criança que é um craque. Os estagiários, normalmente foram craques e esportistas nas aulas de educação física escolar. Assim, com esse exemplo, começa a primei- ra tentativa de descrever o objetivo do distanciamento. A outra forma de se distanciar é 2) usar a etnometodologia de Garfinkel apud BLUMER (1981). As culturas são diferenciadas em normas e va- lores, e, como exemplo, para os estagiários utiliza-se uma tenta- tiva de compreensão da diferenciação cultural. Os seres de outro planeta estacionam sua nave espacial sobre uma escola, e ali ficam observando as atitudes e os comportamentos desses outros seres.

Este exemplo serve de abertura da tampa visual sobre os problemas da aula de educação física escolar. Observa-se o que acontece na aula, onde o professor é mais alto e os alunos menores. Durante a aula várias são as configurações, como a fila, as ações iniciadas sob o comando dessa pessoa que é maior e os movimentos dos pequenos são sempre iguais entre eles. Agora os estagiários, com essa visão, possuem possibilidade de reflexão, e utiliza-se vários exemplos de aulas reais, escritas e filmadas.

Para analisar criticamente essas aulas utiliza-se várias teorias, como a Teoria da Combinação das Aulas de LANDAU (1979); a Teoria das Regras de SEARLE (1971); a Teoria do Interacionismo Simbólico de BLUMER (1981); a Teoria da Dramaturgia de GOFFMAN (1985) e a Teoria da Dialogicidade de FREIRE (1985). Assim, através de um exemplo de aula, entende-se a aula como uma dramatização, como um fato social. Essa dramatização das aulas serve para que o distanciamento dos estagiários, em relação às suas próprias concepções, torna-se transparente e claro. As trocas de papéis sociais, que acontecem durante a aula, permitem uma compreensão das consequências sociais das normas e valores que constroem as situações didático-pedagógicas.

Os exemplos de aulas, que vão desde as séries iniciais de 1º grau até a universidade, fornecem dados de como as aulas são dramatizadas e como o movimento chega no horizonte das pessoas e dos alunos. Também é importante fazer estes distanciamentos com exemplos alternativos de aulas de educação física.

Ainda dentro da fase de análise de aulas, que até agora foi feita através de uma perspectiva social, busca-se saber como as pessoas, interagem. Assim as aulas serão analisadas sob uma perspectiva da interação.

Sabe-se que as interações nas aulas de educação física, são pré-determinadas pelo conceito de movimento esportivo. Isso significa que o professor utiliza a modalidade de atletismo como tema da aula. Este tema é oferecido aos alunos, de maneira onde já está prevista a forma de interação, através das regras e normas do esporte institucionalizado. O tema da aula, com essa concepção, já determina a interação da aula. Quando o salto em distância, uma das provas atléticas do atletismo, é transformado em tema de aula de educação física, o professor copia irrefletidamente esse conceito do esporte. Mas ele precisa explicar isso para os alunos, embora só ele tenha esses conhecimentos. Nesse momento o professor é quem domina a aula e as tomadas de decisão sobre a interação da

aula devem partir dele. Os alunos tornam-se dependentes do professor. É necessário fazer uma análise do conceito do esporte, não só na maneira de refletir, mas também na maneira de fazer esporte. Pode se perguntar como mudar a ginástica olímpica na base dessas análises? Essa análise pode seguir só o princípio didático fundamental de pensar e refletir.

Na base desses conhecimentos que determinam as formas de correr no atletismo, pode se fazer uma mudança analítica. A tarefa é oferecer outras formas de corrida e então nesses outros exemplos troca-se as regras e normas, como também os participantes. De corridas individualizadas, corre-se em grupos. Ao invés de sobrepujar o colega, desenvolve-se corridas mudando as regras do tempo e direção.

Uma análise reflexiva de como se pode mudar o esporte, deve ser acompanhada de exemplos práticos com os estagiários. As experiências práticas mostram como se pode intervir na realidade do esporte. Isso significa que ao se conhecer as regras da construção da realidade, da vida social, conhece-se como acontece as regras da corrida e do esporte. Como isso ocorre a intervenção no mundo do correr, pois ele faz parte do mundo do movimento vivido.

3.2 Na função do planejamento constata-se que a análise das aulas já é a primeira fase do planejamento. Antes de planejar uma aula sobre corrida é preciso analisar o conceito do esporte. Porque é esse conceito que vai dramatizar a aula de educação física, como um fato socialmente construído pelo homem.

O convívio no mundo do esporte facilita aos estagiários perceberem "como deve" ser planejado e caracterizado esse acontecimento social, que é a aula de educação física escolar. Sabendo disso, planeja-se e desenvolve-se as idéias e imagens esportivas. Os planos são uma característica das sociedades modernas, tanto que se pode lembrar de situações como a parada de ônibus, as filas dos bancos, as estações rodoviárias e outras situações. Essa é a característica da nossa vida diária, onde tudo é feito através de planos.

Com o auxílio da Teoria Crítico-Social, comprehende-se que participamos da sociedade como ela é, ou seja, participamos da educação física como ela é, com seus valores, normas e regras. Mas na base de um planejamento pode se mudar a sociedade, ou seja, com um planejamento pode se mudar as aulas de educação física. Com es-

sas reflexões tenta-se mudar a educação física escolar na base dos planejamentos, das análises das aulas e das concepções do esporte.

3.3 Na função da realização como avaliação, os estagiários têm a possibilidade de desenvolver seus planos nas escolas da comunidade. Também se avalia as ações da aula, na busca de compreender as mudanças das regras e normas que a educação física tinha até agora, determinando e impregnando as biografias dos estudantes.

Esta pesquisa-ação segue alguns procedimentos, pois as várias etapas do trabalho necessitam atividades e abordagens diferenciadas. No entanto, ao longo do processo, não se caracteriza como uma pesquisa que abandona seu paradigma de tornar o grupo sujeito da ação social que se propõe.

3.4 Em relação ao procedimento empírico analítico: esse trabalho caracteriza-se pela problematização e pela participação dos estagiários durante o processo. Nele os estudantes aprenderam a intervir criticamente, tanto para mudar o mundo social como mudar a educação física.

Para usar-se exemplos empíricos de aulas de educação física, que são analisados na base de teorias das ciências sociais. No contexto do esporte também usa-se uma análise empírica. Significa que para descobrir as regras do esporte é necessário conhecer os manuais de regras e normas esportivas. Essa é uma análise empírica onde as regras são claras. Também uma análise empírica-analítica é feita para conhecer as normas e valores das biografias esportivas dos estagiários, das aulas de educação física e da concepção do esporte.

3.5. Em relação ao procedimento participativo: os estagiários participam ativamente na situação da aula, através de uma visão crítica e uma participação prática. Quanto ao planejamento e a realização das aulas, os alunos participam, desenvolvendo exemplos práticos.

Os estagiários devem planejar na base das análises e suas respectivas compreensões. Também devem realizar e avaliar as suas ações nas aulas de educação física. Isso é caracterizado por uma pesquisa participativa, mas que se engaja numa ação formulada pelo

grupo.

Com essa metodologia, os estudantes devem ser pessoas críticas e participativas, pois eles conhecem as regras e normas de uma aula de educação física. Isso é, conhecer o sentido do sentido, podendo mudar esse sentido. Em relação ao trabalho de pesquisa isso significa que os estagiários participam de um processo de formação de professores de educação física. O nosso objetivo é uma formação crítica desses professores, e, para isso, desenvolvemos o estágio com essa concepção, conforme a figura 1. Não é um estágio onde só se explica o que é aula de educação física, como se planeja e avalia, mas é um estágio onde se espera superar estes limites de visão dos estagiários.



FIGURA 1 – Proposta das atividades curriculares na disciplina prática de ensino em forma de estágio supervisionado

ATIVIDADE/FUNÇÃO	LOCAL E PERÍODO	OBJETIVOS/PASSOS
1.FUNÇÃO DA ANÁLISE		ANALISAR INTERPRETATIVAMENTE:
A) AULA É ASSUNTO PARA ANÁLISE	UNIVERSITÁRIO	O QUE ESTAGIÁRIOS DEVEM APRENDER
B) ANÁLISE INTERPRETATIVA	UM PERÍODO	O QUE ESTAGIÁRIOS DEVEM FAZER 1º PASSO:AUTO-REFLEXÃO ESPORTIVA
C) CONCEPÇÃO DO ESPORTE	SEMESTRE	2º PASSO:AULA É UM FATO SOCIAL 3º PASSO:CONCEPÇÃO DO ESPORTE
2.FUNÇÃO DO PLANEJAMENTO		1º PASSO:ANÁLISE COMO PROCESSO DE
A) RELAÇÃO ENTRE A ANÁLISE E O PLANEJAMENTO	UNIVERSITÁRIO	RECONSTRUÇÃO DE PLANOS
B) PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO	UM PERÍODO	DADE E ESCOLA ABERTAS 2º PASSO:COMPREENSÃO DAS AULAS 3º PASSO:DEFESA DOS TEMAS DE AULA NO GRUPO DE ESTAGIÁRIOS
3.FUNÇÃO DE REALIZAÇÃO COMO AVALIAÇÃO		1º PASSO: APRENDER/ENSINAR: A) EXPLORAR POSSIBILIDADES DO PLANO
A) POSSIBILIDADE DE REALIZAÇÃO DO PLANO	ESCOLA E UNIVER-	B) CONSTRUIR OPÇÕES COM SENTIDO
B) CAPACIDADE DE AÇÃO DO ESTAGIÁRIO	SIMULTÂNEA	C) DEFENDER O PLANO PEDAGOGICAMENTE D) PROCESSO EDUCATIVO COM FINALIDADE
	UM PERÍODO	E) PROCESSO ENTENDIMENTO/COMUNICAÇÃO
	SEMESTRE	2º PASSO: AVALIAÇÃO AÇÕES DA AULA: A) RECENSÃO CRÍTICA DA AULA
	TRE	3º PASSO: ORIENTAÇÃO DO ESTÁGIO: A) REFLEXÃO CRÍTICA B) ORIENTAÇÃO ACOMPANHADA C) RELATÓRIO DO ESTÁGIO

O ponto de saída é um trabalho de análise com uma descrição do status quo sobre a prática de ensino atual. Mas essa descrição já é acompanhada de uma problematização, pois se quer desenvolver outra forma de estágio na Prática de Ensino. Com as análises das aulas, das biografias e do esporte, dá-se um passo em direção ao planejamento.

Planejamento pedagógico quer dizer que existem vários pontos que integram essa etapa do trabalho. Essa integração vem da tarefa da pedagogia e da educação. A educação segue várias linhas, e a nossa é aquela que ajuda os estagiários para uma formação crítica com capacidade de atuar nas aulas, para também ajudar as crianças. Essa ajuda deve servir para qualquer situação da vida, mesmo na capacidade de acompanhar as mudanças e transformações como capacidade de promovê-las. Para que se consiga uma consciência sobre o mundo, é necessário uma participação como uma invenção de um mundo. A participação se torna assim, uma forma própria de interação.

O critério de planejamento pedagógico é que todos participam das decisões da aula. Os estagiários aprendem como se pode configurar uma aula de maneira que os alunos possam participar dela e co-decidir nos objetivos, no conteúdo e nas formas de transmissão (HILDEBRANDT & LAGING, 1986). Assim o planejamento tem três funções: (1)aprender no estágio (2) para ensinar as crianças a participarem. Mas como orientador (3)eu também ensino. Por isso o planejamento é pedagógico, onde todos participam do processo educativo. Este ponto é fundamental porque os estagiários devem ser capazes de atuar como sujeitos críticos, autônomos e independentes. Com essa capacidade de planejamento, primeiro na formação como estagiário, e depois como professor nas escolas, explica o nosso interesse científico.

4. DISCUSSÃO E SUGESTÕES

Seguir um interesse é onde: (1) se conhece a situação como ela é; (2)se problematiza a situação como ela é - problematizando as aulas de educação física e o estágio e, aprendendo como a gente pode fazer isso, através das regras sociais que constituem essa realidade construída e seguindo esse interesse (3) mudando-se essas configurações das aulas e do estágio, quando eles não seguem os interesses e os valores pedagógicos da Teoria Crítico-Social.

As interações sociais são determinadas pela organização de situações, e seguir esses interesses é uma estratégia para participar delas. Quando não se sabe como participar é preciso conhecer e analisar para participar. Por isso, não só conhecer a educação física, o esporte, as aulas, mas também os problemas atuais.

A discriminação, a marginalização e a opressão na teoria crítica, segundo LOWY (1987, p.145) não é só sobre o proletariado, como diz LUKÁCS, mas sobre a essência humana, que é negada e oprimida pelo capitalismo. Encontram-se nessa opressão todas as instituições que normatizam a interação humana, negando uma brecha para a reconquista da liberdade humana. A opressão do sentido do esporte, da aula de educação física e do estágio, determinam consequências para os participantes.

Quando se interpreta as consequências sociais, pode-se perceber que nas aulas de educação física há uma separação entre meninos e meninas; entre os mais jovens e os mais velhos; entre os grandes e os pequenos; entre os hábeis e os desastrados -essa é a discriminação que não pode acontecer na sociedade. Mas para que isso não aconteça é preciso pesquisar, na tentativa de descobrir as normas e os valores que determinam essa distinção.

Dentro das tendências que o esporte de alto nível origina nas aulas de educação física, encontra-se a instrumentalização do corpo, a especialização dos movimentos técnicos do jogo e a seleção dos alunos para a formação de equipes de elite.

Todas as situações sociais são construídas pelo homem, pois somos os construtores da realidade. Para construir essa realidade obedecemos regras e normas de valores, e a educação física, as aulas e o esporte não fogem desses valores determinantes da realidade. Mas agora sabe-se que como a realidade é construída, então problematizamos e transformamos essa realidade na busca do sentido.

Para a compreensão de que a realidade pode ser transformada, busca-se na Teoria do Interacionismo Simbólico de BLUMER (1981), como as pessoas se entendem e a partir desse entendimento modificam o significado das coisas que conhecem. Essa mudança na interação é a possibilidade de mudança nas regras e valores que nos orientam e que nos permitem conhecer o mundo social.

Na ginástica se dá um significado para os colchões de espuma e esse, ao mesmo tempo, oferece um significado para nós. Fizemos isso porque sabemos que as pessoas desenvolvem esse significado para a compreensão da interação comunicativa. Mas sabe-se também

que podemos mudar esse significado, dando outro sentido para os colchões da ginástica. Não só amortece a queda dos atletas, mas serve como local da cambalhota e rolamento. Assim, o colchão ganha outro significado. Com esse novo sentido modificam-se as formas de interação entre as pessoas. Com essa nova situação de movimentos variam-se os significados.

Como a interação sofre modificações, pode-se influenciar na mudança da concepção de aula, de esporte e de estágio. Com esse interrelacionamento das teorias, busca-se uma nova visão social crítica e científica, que estão fundamentando a nossa transformação da realidade estrutural do estágio na Prática de Ensino.

5. REFLEXÕES E CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROPOSTA

O presente trabalho mostra uma nova função na orientação do estágio. Esta orientação que se chama "acompanhada", anda ao lado do estagiário em todas as etapas de formação didático-pedagógica. Em cada etapa a orientação tem uma função específica. Busca fazer com que o estagiário sinta a necessidade de se afastar de suas próprias concepções sobre educação física escolar. Ao se afastar dessas concepções, pode lentamente se afastar da dependência do orientador e atingir a consciência, numa formação progressiva.

O estágio é um momento de síntese e não uma etapa terminal no curso de formação de professor de educação física. O orientador acompanha o estagiário porque é fundamental num processo de formação crítica. Mas os estagiários, depois do curso, devem saber caminhar sozinhos. Então esse acompanhamento, durante o estágio, é refletir constantemente os passos dados. O feedback tem que existir para que se troque conhecimentos e experiências.

A discussão e a reflexão sobre as situações de ensino, facilitam a descoberta da realidade contraditória em que nós vivemos hoje. É preciso conhecer o contexto em que a educação física vive para planejar aulas voltadas para a realidade, e que sua realização tenha um sentido para os alunos. Assim, a avaliação das ações serão utilizadas, não como instrumento de dominação, mas como reflexão para novas tomadas de decisão.

Refletir e contextualizar esta proposta de Prática de Ensino, em forma de estágio, é dizer que ela já sofre de algumas críticas. Em primeiro lugar porque só utiliza a concepção de aulas abertas (HILDEBRANDT & LAGING, 1986), quando se sabe que as ten-

dências da educação no Brasil, passam por uma escola "tradicional", depois a "escola nova" e em seguida a escola "tecnicista". Todas essas tendências fazem parte hoje da prática docente na educação física. Então é necessário que os estagiários aprendam, também a planejar nessas outras concepções de ensino. Em segundo lugar, a concepção de aulas abertas necessita de uma contextualização nas discussões educacionais pedagógicas brasileiras.

Utilizar essa concepção implica, não necessariamente, um desprezo aos feitos em nossa própria língua. A fundamentação teórica está vinculada à Teoria Crítico-Social da Escola da Frankfurt, mais precisamente com Jurgen Habermas, e sua teoria da ação comunicativa na interação social. É uma teoria internacional, universal e que deve ser consumida e aproveitada. No entanto estas teorias têm raízes numa região em diferentes condições sócio-ecológicas, históricas e culturais da nossa. O mesmo acontece com a pedagogia. As reflexões sobre a nossa realidade ainda sofrem de dedicação e a prática pedagógica na educação física sofre esses riscos.

A chegada da concepção aberta de ensino na educação física, no Brasil, vem num momento em que já se discutiu e se resgatou as várias tendências (GHIRALDELLI JR., 1987). A aproximação dessa concepção com a "escola nova" e sua prática docente mostra a necessidade de reflexão.

Os autores brasileiros, que trabalham com as teorias da educação, deixam claro que precisamos de algo para além da pedagogia moderna (GHIRALDELLI, 1987); que precisamos de algo para além da pedagogia crítica (SAVIANI, 1985); que precisamos deflagrar a luta por uma educação emancipadora (GADOTTI, 1984); que precisamos de uma pedagogia crítico-social dos conteúdos (LIBÂNEO, 1985). Todos afirmam que precisamos, e quando dizem que precisamos, é porque ainda não temos. É nessa busca que tento imaginar o auxílio da concepção de aulas abertas no ensino da educação física escolar.

Superar as tendências da "escola nova" é superar o espiritualismo didático-pedagógico, a centralização do ensino nos interesses e necessidades da criança. Por isso prefiro compreender a concepção aberta de ensino como sendo uma aula um campo para várias experiências de movimento e seus significados (SCHERLER, 1976), e intencionalidades (SANTIN, 1987). Mas entender o movimento como uma comunicação com o mundo, como um diálogo com a natureza social (KUNZ, 1988) é um nível de compreensão e, compreender as novas significações do movimento numa teoria pedagógica para a educação

brasileira é outro nível de reflexão.

Para justificar essa posição cito TRIVIÑOS (1987) que diz que é um crime cultural, na educação, deslocar teorias desenvolvidas com êxito em nações industriais (capitalismo moderno como a Alemanha Ocidental, de onde vem essa concepção), com altos níveis de desenvolvimento, para os povos do Terceiro Mundo, pobres, desnutridos, doentes, explorados e analfabetos, sem, pelo menos, as devidas adaptações. Isso significa que temos que lembrar as nossas salas de aula com alunos em demasia; os professores ganhando um salário de fome; o trabalhador da educação necessita vários empregos para sobreviver; as escolas não oferecem condições de ensino; a estrutura político-educacional é desprezada e abandonada pelas autoridades desse país; a evasão escolar atinge índices alarmantes. Então não é trazendo uma nova concepção que vamos mudar esse estado de coisas, muito pelo contrário, é essa realidade que aperfeiçoa freqüentemente a teoria educacional brasileira.

É com uma visão dialética que assinala-se as causas e as consequências dessa nossa atitude. Reconhecemos os problemas, suas contradições, suas relações com o contexto social brasileiro. Por isso o pesquisador deve estar preparado, obrigatoriamente, para mudar suas expectativas frente aos estudos e pesquisas.

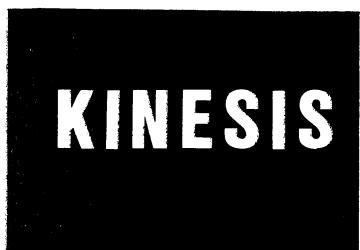
Assim, concluímos que as pesquisas, com o objeto de estudo predominantemente das ciências sociais, como é a educação física, precisam de uma longa experiência em investigações. Essa foi a nossa primeira experiência com pesquisa-ação, e espero que não seja a última. Precisamos dividir os conhecimentos adquiridos ao longo da vida escolar e universitária; precisamos ajudar os menos favorecidos na conscientização sobre a realidade social construída. Os cursos de mestrado, e suas pesquisas ali produzidas, são apenas um começo do aprofundamento teórico e da visão prática, dos mais variados enfoques conceituais.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARBIER, R. *A pesquisa-ação na instituição educativa*. Trad. Estela S. Abreu. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.
2. BERGER, P. L. & LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. 6. ed. Trad. Floriano S. Fernandes. Petrópolis, Vozes, 1985.

3. BLUMER, H. Der methodologische standorf des symbolischen interaktionismus (O posicionamento metodológico do interacionamento simbólico). In: ARBEITSGRUPP BIELEFELDER SOZIOLOGEN. **Alltagswissen, Interaktion und gesellschaftliche Wirklichkeit** (O saber diário, interação e realidade social). 5.ed. Opladen Westdeutscher, 1981. cap. 3, p.80-146, v.54.
4. FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 14.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
5. _____. **Conscientização; teoria e prática da liberdade**. 3.ed. Trad. Kátia M. Silva. São Paulo, Moraes, 1980.
6. GADOTTI, M. **Concepção dialética da educação**. 3.ed. São Paulo, Cortez, 1984.
7. GHIRALDELLI JR., P. **O que é pedagogia**. São Paulo, Brasiliense, 1987.
8. _____. **Tendências e correntes da educação física brasileira**. São Paulo, UNESPE, 1987. Texto mimeografado.
9. GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 3.ed. Trad. Maria C.S. Raposo. Petrópolis, Vozes, 1985.
10. HABERMAS, J. **Técnica e ciência como "ideologia"**. Trad. Artur Mourão. Lisboa, Edição 70, 1987.
11. _____. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. Trad. Carlos N. Coutinho. São Paulo, Brasiliense, 1983.
12. _____. **Conhecimento e interesse**. Trad. José N. Heck. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
13. HILDEBRANDT, R. & LAGING, R. **Concepções abertas no ensino da educação física**. Trad. Sonnhilde von der Heide. Rio de Janeiro, Livro Técnico, 1986.
14. KUNZ, E. **Movimentização**. In. CONGRESSO CATARINENSE DE PROFISIONAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA, 1 Florianópolis, 26-29 maio, 1988. **Anais....** Florianópolis, Associação dos Professores de Educação Física, 1988. Texto mimeografado
15. LANDAU, G. **Ordnung im Sportunterricht** (Ordem na aula de educação física). Schornodorf, Hofmann, 1979.
16. LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública**. 2. ed. São Paulo, Loyola, 1985.
17. LOWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchausen**. Trad. Juarez Guimarães. São Paulo, Busca Vida, 1987.
18. SANTIN, S. **Educação Física; uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí, Unijuí, 1987.
19. SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 9.ed. São Paulo, Cortez, 1985.

20. SEARLE, J. R. **Sprechkte;** Ein sprachphilosophischer Essay.
Frankfurt, 1971.
21. SCHERLER, K-H. Bewegung und Spiel in der Eingangsstufe (Movimento e jogo na fase escolar inicial). In: **Die primarschule**,
Stutthart, (1):28-34, 1976.
22. TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais.**
São Paulo, Atlas, 1987.



UMA LEITURA
INTELIGENTE!